

## Viajar é preciso

Resenha de Décio Gurfinkel, *Do sonho ao trauma*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001, 293 p.

Adoto, do autor, a idéia de viagem. Em um dos textos do livro, Décio, recorrendo ao filósofo Sergio Cardoso, apresenta-nos ao sentimento de estranheza peculiar ao viajante: um sentimento de "alheamento" e distância de forma tal que "seu mundo não se estreita, se abre; não se bloqueia, mas experimenta a vertigem da desestruturação..." (p. 53). Décio, em seu livro, revela-se um viajante. Vive, quase sempre, os suspensos dos "desterros" e vai encontrando aberturas, muitas vezes indagativas – indicações para outras viagens.

### Preparativos

O autor não está só. Tem companhia. Embora Ferenczi e Marty (em menor grau) sejam convidados especiais, não são os acompanhantes em toda a travessia; a dupla escolhida para tanto é formada por Freud e Winnicott. E é Décio quem nos avisa que, ao longo do livro, há "uma preocupação em estabelecer um diálogo entre os dois, buscando extrair deste confronto diversos ensinamentos clínicos" (p. 11).

O autor tem bagagem. Nesta, em compartimentos interligados, mantém os referenciais teóricos e clínicos. "A teoria, assim como a técnica, pode também servir de emblema/escudo;

daí a importância de metapsicologia e técnica andarem juntas" (p. 26). A bagagem é mantida nas cercanias do viajante durante todo o trajeto, garantindo solidez, ao mesmo tempo em que permite mobilidade. A valise é moderna. Ela é feita de matéria leve e tem providenciais rodinhas. Ágil, desliza para lá e para cá, para frente e para trás, movida por irrequieta "ingenuidade ferencziana" (p. 71) – por uma curiosidade que enfrenta com renovado espanto até mesmo aquilo que, supostamente, faz parte de um patrimônio de saberes bem assentados.

"Ingenuidade", com inteligência de pesquisador, com um conhecimento que articula metapsicologia, teoria na clínica, clínica na teoria, atenção histórica para as filiações nas sucessivas gerações de psicanalistas – eis o recheado equipamento para a viagem. Uma viagem que já dura há declarados 12 anos e cujo relato nos é dado neste livro, sob a forma de escritos independentes, que tanto podem ser lidos como se fossem capítulos de um todo, como destacadamente. Há, apesar desta dupla possibilidade que a

forma oferece, uma vantagem em lê-lo em seqüência: poder acompanhar o autor, mergulhando, com visibilidade, no modo operacional com o qual a pesquisa se desenvolve. Ao se proceder assim, depara-se, inevitavelmente, com re-exames de algumas questões, mas vai se ganhando um prazer colateral: o prazer de caminhar lado a lado, o prazer da cumplicidade. Cumplicidade, até mesmo intimidade, que Décio priva com Freud e Winnicott. Na medida em que sabe se embrenhar na obra destes autores, que não se contenta com as grandes vias, que caminha por vielas, consegue, com humor poético, trazê-los até nós, como se se tratasse de amigos. Velhos amigos...

Aqui está Freud contemplando seu neto a brincar com o carretel e matutando: hum... hum... algo importante está acontecendo nesta brincadeira... (p.113).

### E a viagem começa...

"Fazer tocarem-se pensamentos cujo destino tem sido o de manter-se à distância" (p. 196) – este é o espírito que move a caminhada de Décio e que o faz estudar, em um movimento de expansão, a dissociação como uma "clínica", as manifestações psicossomáticas e as adições. É este, basicamente, o roteiro que o autor nos propõe na Apresentação ao livro. Enquanto leitora, estimulada pelo tema da regressão (que Décio também considera central), crio um roteiro pessoal, procurando ficar atenta aos passos do privilegiado grupo. Um roteiro que percorre, paradoxalmente, uma só e muitas paisagens. Assim: Freud olha para a regressão e pensa, Winnicott olha e pensa e Décio olha para os dois olhando e pensa; vai, ainda, convidando-os a se entreolharem e pensa no que resultou.

Já no texto inicial, a regressão surge em seu berço, em sua origem freudiana, no capítulo VII da "Interpretação dos Sonhos". Eis Freud pensando no sonho, na reativação de marcas mnêmicas arcaicas, que a retração/sono possibilita. Nasce também, para Décio, a idéia



do sonho como metáfora da sessão psicanalítica (p. 24). Não guardará, esta regressão, semelhanças com a regressão no processo analítico? “A função dinâmica do enquadre, ou seja, a nova ordem social de interações, parece também querer reproduzir um fenômeno onírico e garantir a manutenção do ‘terreno psíquico’. Refiro-me à regra fundamental e à regra da abstinência” (p. 26). Fica colocada, conseqüentemente, a proximidade da transferência com o sonho, mas (e é um “mas” fundamental!), uma vez que na análise há um analista/outro, há, também, as correlatas questões da regressão paralisante, e do fechamento narcísico, por um lado e – por outro – a da progressão/movimento. O movimento se faz possível pela qualidade de presença do analista, presença que não cessa de se propor como objeto de investimento, presença que não cessa de esperar poder vir a ser *um outro* para o paciente (p. 36). O conceito freudiano de regressão terá, como veremos adiante, outros importantes desdobramentos.

Ferenczi olha para a *regressão* e formula sua proposta terapêutica: atingir as camadas infantis da personalidade e, mais especificamente, o traumático infantil. “O que está aqui subjacente é a idéia da regressão como instrumento terapêutico” (p. 51); portanto, “uma análise só pode ser considerada completa quando conduz à re-

produção dos acontecimentos associados ao choque traumático” (p. 55). O trauma, longe de ser evocado, tem de ser (re)vivido, no próprio processo terapêutico, junto a um analista que recebe o que só poderia advir *em ato, ser ato* – os arrebatamentos passionais de diversas ordens, os transe e os espasmos – as expressões possíveis de experiências ocorridas em época anterior à constituição do “aparelho de memorizar” (p. 46). A dissociação surge como a defesa possível. A criança, para se proteger, em parte regride a um estado pré-traumático e, em parte, adquire “capacidades” do adulto; imuniza-se face às agressões e, simultaneamente, face aos cuidados. Passa, ela, a ser aquela que cuida, a precocemente responsável, o “bebê sábio” (p. 62-63). Acolhendo os transe, entendo-os como regressões alucinatórias, o analista pode, pela confiança, por não interpretar indevidamente, por não re-traumatizar, propiciar a divisão adequada: aquela que diferencia passado e presente (p. 66).

Encontram-se os olhares de Freud e Ferenczi no objetivo comum, que é a possibilidade do *livre-associar* – com a ressalva, introduzida pelo último, de que muitas vezes se faz imprescindível, enquanto condição prévia, o convívio com a regressão na própria carne clínica.

Balint, na esteira de Ferenczi, olha e vê “falhas básicas” acontecidas em períodos precoces, resultantes de “descompassos exagerados entre as necessidades biopsicológicas do indivíduo e os cuidados a ele dispensados” (p. 82). A regressão, para Balint, também se impõe no divã. Mas, atenção! Há dois tipos de regressão: a regressão maligna, voraz por gratificações, que tende a instaurar um círculo vicioso no processo – e a regressão benigna, a que busca reconhecimento da dor e das conseqüências da falha. Nesta, a relação de objeto é a que propicia a emergência do mundo primitivo. A condição para este desfecho é que o analista não seja intrusivo e que ofereça uma experiência emocional reparadora, propondo-se como objeto de investimento de “amor primário”, mas sem se constituir em perpétuo doador do mesmo (p. 84-85).

Winnicott, na esteira de Ferenczi e de Balint, olha para a *regressão* e vê algo bem específico: a regressão à dependência. Winnicott “faz questão de mantê-la afastada da noção de regressão em termos do desenvolvimento da libido e de suas diversas organizações, ressaltando que se trata de um outro eixo do processo de maturação:

o que vai da dependência absoluta à dependência madura. Trata-se, sem dúvida, de um outro universo metapsicológico, em que o desenvolvimento é pensado a partir de um *eu no ambiente* e não a partir da libido, e do qual a *necessidade* ganha o estatuto de conceito, em detrimento relativo do *desejo* e da *pulsão*” (p. 185). O processo de *vir a ser* um indivíduo integrado está na dependência inicial do *handling* e do *holding*. Se a mãe-ambiente estiver morta (p. 251), a unidade colapsa; na medida em que esta não é da ordem do natural, do já dado, dissociações fundamentais podem ocorrer, incluindo a que corresponde ao funcionamento harmonioso do psicossoma. Há, então, uma retomada, com ampliação, do “universo autoconservativo”, no que este implica de cuidados corporais e psíquicos, com o conseqüente cenário que possibilita a “aproximação potencial e efetiva entre psicanálise e psicossomática no pensamento de Winnicott” (p. 186).

Pierre Marty olha, com brevidade, e teoriza a *regressão* a partir da noção freudiana de  *pontos de fixação*, estendendo-os para os distúrbios psicossomáticos. “Esta extensão implica em considerar um processo regressivo e progressivo não



apenas no seu aspecto psicosexual, mas incluindo nele também as funções somáticas” (p. 186). Qual é sua fundamentação básica? É um “princípio evolucionista” que ordena a vida, desde a simplicidade de elementos primários até a complexidade secundária das inúmeras situações que todos vivemos (p. 187). Os “instintos” (e não as pulsões) de Vida e de Morte seriam os determinantes últimos dos “movimentos individuais” que especificam todo o processo evolutivo e contra-evolutivo. Marty coloca, assim, de maneira radical, a questão da origem do sujeito psíquico em ligação direta com a origem e a constituição do ser, enquanto ser vivo.

### E a viagem se adensa...

O autor olha para o ponto em que convergem os olhares de Freud e Winnicott e é, precisamente, a partir deste ponto virtual, alavancado por Ferenczi, Balint e Marty, que vai trabalhando, interrogativamente, suas próprias idéias. Estas se irradiam de um ponto central, a noção de *apoio*. As pulsões sexuais surgem apoiadas nas de auto-conservação e vão, desde logo, encontrando rumos

próprios – no auto-erotismo, na construção do universo imaginativo e de relações de objeto – afastando-se de um suposto instinto *stricto sensu*. E as perguntas, fundamentais para o autor, surgem aqui: “a referência às funções auto-conservativas não deve, por isto, ser esquecida ou suprimida; não podemos supor a possibilidade de um ‘retorno’ da sexualidade ao universo somático, em uma espécie de movimento regressivo?” E: “mas, além do mecanismo de *conversão*, não poderíamos levantar também o problema das *somatizações* – naturalmente dentro do quadro conceitual já modificado – nas quais estaria subjacente um mecanismo que implica uma *transformação do âmbito do desejo para o da necessidade*, por um processo regressivo?” (p. 172). O quadro conceitual está modificado, lembremos, pela ampliação do conceito de regressão; este inclui, agora, a *regressão ao trauma*, a *regressão à dependência*, a *regressão benigna* e a reversibilidade possível pelo “evolucionismo” de Marty. Está configurado um enigma que assim se coloca: “como se dá, no desenvolvimento do indivíduo, a evolução de estruturas psicossomáticas em estruturas psíquicas?” (p. 173). E, agora, a viagem percorre o enigma.

### Nas terras do enigma

Décio pede a Freud que volte a olhar para a *regressão*, convida-o para que, juntos, focalizem quatro pontos de sua obra. Questiona-o e vai, de permeio, construindo uma proposta própria. Os quatro pontos: os sonhos “de comodidade”, os sonhos de angústia (e a angústia), o narcisismo e a pulsão de morte (p. 189). Nos sonhos “de comodidade”, que estão em proximidade com os sonhos infantis, o desejo se expressa de forma mais direta; há ausência de elaboração onírica. Como poderia isto ocorrer, se o sonho é – em sua própria condição de existência – movido por um desejo infantil recalcado e é, portanto, sempre deformado? Será que é porque o aparelho psíquico não está ainda bem constituído ou apresenta deficiências de funcionamento – e, portanto, de simbolização? Nos sonhos de angústia, que levam ao despertar, falha a função do sonhar. “O sonho, como guardião do sono, é também possibilitador de uma existência psicossomática equilibrada... O desejo do Eu de dormir é, em verdade, uma necessidade relativa às funções vitais, já que o Eu não é nada mais do que representante da auto-conservação do indivíduo” (p. 190). A angústia, por sua vez, é uma formação sintomática localizável na fronteira psico/soma e é o aspecto “atual” de etiologia das “neuroses simples”. O *atual e auto-conservativo* se contrapõe, então, ao *infantil e psicosexual* (p. 191). Com o narcisismo, o processo de formação do sonho é assi-

milado a uma retração narcísica, em uma regressão que não seria puramente psíquica, mas que apontaria, também, a um estado psicossomático de não-perturbação. “O estudo do dormir... mostra-nos a impossibilidade de construir uma teoria do sonho que se limite ao estritamente psíquico... Nos distúrbios do sono verifica-se como uma falência das funções psíquicas atinge as funções vitais” (p. 191-192). A pulsão de morte também atinge o sonho, despojando-o da condição de – necessariamente – realizar desejos. O traumático invade o espaço do sonho, decreta um estado de emergência, faz transbordar o aparelho psíquico, inutilizando sua capacidade de trabalho; o soma pode ser atingido. Aqui estariam, nestes quatro pontos, implantados os limites da simbolização. Emerge, a partir desta base, a proposta de Décio, a de *uma série de formações sintomáticas, segundo o grau de simbolização nelas implicado*; em uma ponta encontra-se o sonho de realização de desejo e, na outra, a somatização. Esta construção, pensa-



da como uma "fantasia científica", permite pensar "os fluxos progressivos e regressivos em um funcionamento psicossomático, buscando assim compreender seu equilíbrio, suas falhas e desorganizações... tendo como único ponto de apoio o princípio econômico de Freud, segundo o qual há uma quantidade de excitação – neste caso psicossomática – que circula no psique-soma" (p. 195). Na série cabem as compulsões e os *actings* e cabem, portanto, as adições: nestas, em pobreza extrema, o objeto-droga se torna uma necessidade e não mais um objeto de desejo (p. 225). E, por último, em algum lugar da série, cabe o "colapso do sonhar", um sonhar que, tristemente, não pode ser (p. 280). O livro vai chegando a seu final, inclusive esbarrando nos limites... Colapsa, nas adições, a vida objetual. Colapsa, dissolvido por falta de simbolização, o sonho como criação. A viagem termina.

## Anotações de viagem

Há um crescendo de inventividade na medida em que se avança na caminhada. A bagagem/valise vai deslizando cada vez com maior liberdade, brincando – "à la Winnicott" – com os pensamentos. Culmina, neste aspecto, com os últimos textos/capítulos, especialmente "A droga e a Coisa" e "Sujeito quase", nos quais a escrita, movimentando-se entre filmes e livros, é particularmente bela e comovente. E há as construções, laboriosamente feitas, que vão aos poucos conduzindo para a proposta metapsicológica: a "série". Embora Décio tenha muito cuidado com a diversidade de teorizações com as quais trabalha, embora busque dar ao rigor toda a consideração, embora procure não "forçar" (sic) as teorias, embora procure que os pensamentos apenas se "toquem", há uma sobreposição que se infiltra e que merece ser re-pensada. Tento explicitá-la, a título de um lembrete que me parece importante. Décio menciona que as metapsicologias dos seus companheiros de viagem são bem diversas, configurando, até mesmo "outros universos" e tenta se manter no "des-terro", ou seja, não ficar aderido a qualquer um dos territórios. Simultaneamente pensa na possibilidade de ampliação dos conceitos, particularmente a ampliação do conceito de regressão e transita, para tanto, entre estes "universos", sendo, inclusive, a sua "série" propos-

ta como algo, cuidadosamente, não linear. Revela-nos, também, que na construção desta *fantasia científica* o seu apoio é na vertente econômica da metapsicologia freudiana. Mas, se com a "clínica da dissociação" o recurso à espacialidade se impõe e é considerado, com o conceito de regressão, não precisamos, inexoravelmente, considerar a questão da temporalidade? Em Freud encontramos temporalidades cruzadas: um tempo linear, na sucessão das fases libidinais e um tempo vertiginoso, o da resignificação, o das lembranças encobridoras retrogressivas ou progressivas. Já a temporalidade em Marty, pelo recorte apresentado, me parece especialmente marcada pela linearidade, pelo progressivo ganho em complexidade. Será que não resulta uma sobreposição não explícita, desapercibida – e não um "toque" de pensamentos – quando se deixa isto de lado? É possível, de fato, nesta espécie de colisão de temporalidades, pensar – sem especificar em que "tempo" estamos – em uma regressão à necessidade, em uma regressão somática? Será que, em tempos *do a posteriori*, é possível postular uma regressão ao auto-conservativo? Não penso

que Décio teria que se deter nesta questão; ela não está colocada entre seus objetivos. Mas, por outro lado, a questão, a meu ver, se impõe: ela se faz presente, queiramos ou não, quando se aborda, com tanta proximidade, a regressão.

Bem, chegada é a hora do final. Convido, agora, os colegas a embarcarmos. Feliz viagem! Valiosa, com certeza, ela será. Ganha-se nela, com fartura, a substância que mais prezamos: a do bom pensar.

**Janete Frochtengarten** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.